



CONCEPÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS ACERCA DA APROPRIAÇÃO DO MONSTRO VAMPIRESCO PARA O CINEMA

CONCEPTIONS OF CULTURAL STUDIES ABOUT THE APPROPRIATION OF THE VAMPIRE MONSTER FOR CINEMA

Amanda Carvalho da Silva¹

Recebido em: 24 jun. 2021

Aceito em: 04 nov. 2021

DOI:10.26512/aguaviva.v6i3.41795

RESUMO: O objetivo do presente artigo foi investigar de que maneira o romance Drácula (1897) de Bram Stoker e o filme Drácula: a história nunca contada (2014), dirigido por Gary Shore, constroem uma estética narrativa que comporta relações de apropriação, adaptação, processo de escrita e constituição da personagem, em relação ao mito vampiresco, traçando uma análise histórica de sua recepção na contemporaneidade. O recorte contempla as temáticas da representação cultural e histórica relacionadas com a construção e evolução da personagem vampiresca. A fim de compreender essas nuances, também é feita uma análise do romance de Anne Rice, Entrevista com o Vampiro (1976), onde se discute as relações de homossexualidade nessa evolução da criatura.

Palavras-chave: Vampiro. Cultura. Adaptação Cinematográfica.

ABSTRACT: This paper attempts to investigate how Bram Stoker's novel Dracula (1897) and the movie Dracula: untold (2014), directed by Gary Shore, build a narrative aesthetic that includes relationships of appropriation, adaptation, writing process and character constitution, in relation to the vampiric myth, tracing a historical analysis of its reception in contemporary times. The cut includes the themes of cultural and historical representation related to the construction and evolution of the vampire's character. In order to understand these nuances, an analysis of Anne Rice's novel, Interview with the Vampire (1976) is also made, where the homosexual relationships in this evolution of the creature are discussed.

Keywords: Vampire. Culture. Movie Adaptation.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: mandy.carvalho13@gmail.com



INTRODUÇÃO

O gótico, enquanto gênero literário, apareceu com maior força no final do século XVIII, como uma forma mais obscura de romance, onde se explorava o subconsciente através do sobrenatural e do monstruoso, e a cena inglesa Vitoriana contribuía para tal influência, além de ter sido nessa cena, que o vampiro evoluiu culturalmente.

É neste período que o romance *Drácula* é escrito pelo autor irlandês Bram Stoker e publicado em 1897, tendo sido inspirado na figura histórica de *Vlad Tepes* como base para o personagem principal. Essa figura histórica se constituía de um príncipe da região da Valáquia, na Romênia, que inspirou lendas e histórias das quais Stoker se apropriou e moldou sua figura, com ajuda de outras influências, para criar a personagem ficcional que se tornaria referência para o vampiro, inspirando a literatura e o cinema.

Deste modo, este artigo busca compreender, à luz dos estudos culturais, os aspectos relacionados à apropriação dessa criatura pelo cinema, as convenções que o cinema ajudou a consolidar e pelas quais o vampiro ainda é reconhecido, situando algumas características, como a questão da homossexualidade presente na obra de Anne Rice, ou a aristocracia tanto em *Drácula* como em outros vampiros da literatura, além de explorar adaptações dessa obra, em especial a mais recente *Drácula: a história nunca contada* (2014). O aporte teórico dos Estudos Culturais possibilitou de forma efetiva análises de contrastes entre filme e texto literário, sendo empreendida uma analogia dos aspectos folclóricos a partir da figura do vampiro relacionados aos mitos criados e perpetuados pela cultura da sociedade em que foram difundidos seus mitos.

***Drácula* de Bram Stoker: a representação aristocrática**

Ao analisarmos a trajetória do vampiro, nos deparamos com as diferentes representações que o vampiro assume ao longo da história, carregando desde sua origem os paradigmas da morte. Como explica Lecouteux (2005), existiam os mortos puros e os mortos impuros, segundo testemunhos sobre a distinção entre defuntos feitos por ancestrais na Rússia. São esses mortos impuros que transgridem a fronteira entre o nosso mundo material e o sobrenatural.

Estas e outras concepções fazem parte da origem desse mito, que conforme ia se consolidando na literatura, perdia alguns aspectos folclóricos e adaptava outros que condiziam com a realidade histórico-social quando suas histórias eram escritas. Um aspecto que se tornou frequente na literatura de vampiros foi a aristocracia, já explorada por autores como Sheridan



Le Fanu em *Carmilla* (1872), ou John Polidori em *The Vampyre* (1819), onde essa imagem foi definida de fato.

A explicação para este fato pode estar no próprio gênero romance gótico que era uma literatura feita por intelectuais, portanto pessoas da alta sociedade, para o deleite das massas, do popular. O próprio Polidori se aproveita das experiências que esse meio comporta para escrever seu conto, já que acompanhava o poeta Lord Byron e se inspirou no mesmo para a criação de seu personagem. O mesmo acontece com *Drácula* (1897), escrito por um burguês irlandês. A semelhança entre estes autores está na forma como utilizam a literatura, principalmente o gênero gótico, para dar vida a criaturas que representavam a parte obscura dessa realidade.

Em *Drácula* (1897) ainda temos a presença do castelo e a própria inspiração no príncipe da Valáquia, que reforçam seu ar aristocrático. Logo no começo do romance percebemos estes elementos na representação de sua figura, descrita pelo personagem Harker como um homem alto, bem barbeado, e que se vestia de preto dos pés à cabeça. Esse primeiro encontro de Harker com o vampiro, segundo Melton (1995) trouxe elementos que se tornariam básicos para a concepção moderna do “Príncipe das Trevas”.

Ainda seguindo as ideias do autor sobre essa imagem, temos a migração desses elementos para o cinema, onde ele explica que

Tanto as versões cinematográficas como as teatrais de *Dracula* alteram radicalmente a imagem do personagem. Deane abandonou os atributos de Drácula que evitariam sua aceitação pela sociedade inglesa da classe média. Assim, Drácula perdeu seu mau hálito, os pelos nas palmas das mãos e a estranha vestimenta. Vestiu *black-tie* e uma capa de ópera e se transferiu para a sala de estar de Harker. O filme da Universal teve um papel ainda mais influente na reformulação da imagem. A personificação feita por Bela Lugosi nos palcos americanos foi precedida por outras, mas no cinema ele atingiu milhões de pessoas que nunca tinham visto a peça no palco, e o que elas viram foram maneiras suaves de um europeu aristocrata com um sotaque húngaro. (MELTON, 1995, p. 207-208)

Hamilton Deane, a quem o autor se refere, foi o ator, dramaturgo e diretor irlandês que contribuiu para popularização do romance, trazendo a obra para o teatro e posteriormente para o cinema, com a famosa adaptação interpretada por Bela Lugosi em *Drácula* (1931) que ajudou a promover a imagem do vampiro que temos atualmente. A intenção de Deane em tornar o personagem mais aceito pela classe média é compreensível ao pensarmos que tal tática ainda é habitual quando é feita adaptação de alguma obra. A partir desse trecho, também podemos explicitar o caráter aristocrático atribuído à imagem do vampiro, mais particularmente de Drácula, que ganhou esses novos elementos no cinema como uma forma de atrair a atenção do



público inglês sofisticado, com a finalidade de inovar na representação do vampiro, já visto antes de forma totalmente diferente em *Nosferatu* (1922).

Em suma, com todos esses fatores, é interessante refletir como essa classe média parece almejar, muitas vezes, evitar contato com o lado mais obscuro das artes, sendo feitas de tempos em tempos, adaptações cada vez mais brandas em comparação com a obra original. No entanto, também é possível perceber que atualmente, tais representações são mais aceitas e compreendidas pela sociedade. Como os autores Armand Mattelart e Érik Neveu buscam compreender em *Introdução aos Estudos Culturais* (2016), houve muitas metamorfoses na segunda metade do século XX e uma delas foi a globalização.

Ao pensar na globalização, é possível compreender que, com o passar do tempo, as diversas culturas ao redor do mundo foram se conectando cada vez mais. Com esse tipo de contato, dentre outros fatores que os autores também buscam compreender, a civilização ocidental pode olhar para o oriente de forma mais aberta e enxergar o vampiro da Transilvânia, no caso, não como esse estrangeiro de terras estranhas, mas como uma criatura que transpassa qualquer barreira cultural e perpetua-se através das artes, que por sua vez podem ser acessadas de diversas formas devido a essa globalização.

Entrevista com o Vampiro: Lestat e Louis, uma relação homossexual?

O elemento sexual está presente no vampiro desde os primeiros contos e poemas dessa literatura, que de acordo com Meireles (2012), é introduzido com ênfase por Goethe em “*A noiva de Corinto*” (1797), que a partir daí se diferenciava cada vez mais do vampiro folclórico, dando lugar ao vampiro literário, nas palavras do autor, “sedutor, sociável e de sexualidade inquieta” (Meireles, 2012, p. 25).

Semelhantemente a esta obra, outras se seguiram apresentando vampiras inseridas em uma temática de relacionamento lésbico que seria de certa maneira, substituída gradualmente ao longo do século XIX por uma presença do vampiro masculino. Mesmo com essa mudança, ainda podemos analisar essa presença da identidade sexual atrelada a algo instintivo, quase animalesco, mudando novamente no século XX com a escritora Anne Rice. De acordo com Lagarto (2008),

Conjugando as tradições do Gótico com aspectos inovadores a apresentando personagens simultaneamente próximas e distantes de nós, Rice procura levantar questões de ordem social nas suas obras, atraindo leitores que, à partida, parecem não se interessar por este tipo de literatura. [...] A própria autora afirma que deseja que as



suas personagens sejam representações do ser humano e não de uma figura sobrenatural. (LAGARTO, 2008, p. 66-67)

Nesse sentido, deixando a subjetividade do vampiro de Rice (1972) de lado, resta abordar o fator sexual que permeia a obra, sendo Rice a responsável por trazer de volta à literatura de vampiros tais questões homossexuais, dessa vez entre dois vampiros masculinos. Lestat e Louis protagonizam esse romance apresentando-se como seres sedutores e apaixonados pela vida e pela morte, misteriosos e transgressores no sentido de perverterem, como explica Lagarto (2008), a moral, a religiosidade e sexualidade já estabelecidos na sociedade, fazendo com que sejam marginalizados.

O fator da religiosidade, principalmente a cristã, talvez seja de maior relevância para discutir a relação entre essas duas personagens, pois através dos seus dogmas que sempre reprimiram este comportamento podemos compreender e até mesmo comparar essa marginalidade presente nas nuances da obra com a marginalização que ainda sofrem os homossexuais. No romance, tais relações não são explícitas, mas há conotações homossexuais, em nossa interpretação mais presentes em Lestat que em Louis, sendo que o segundo ainda é muito ligado à sua natureza humana e teme matar ou cometer atos que possam torná-lo mau.

Para compreender melhor tais nuances do romance, Melton (1995) explica as intenções da autora, dizendo que

Rice não estava tentando salientar questões de orientação sexual, mas, sim, as questões de gênero, especificamente a androgenia. Todavia, essa ideia de androgenia masculina tem frequentemente mascarado uma preocupação mais central de homossexualidade ou bissexualidade. (MELTON, 1995, p. 378).

Essa característica andrógena é mais bem percebida na adaptação cinematográfica de *Entrevista com o Vampiro* (1994), onde a caracterização e figurinos feitos para a época contribuem para reafirmar esse elemento presente na obra. Além disso, é importante ressaltar como esse tipo de discussão pode destacar elementos formais do romance que tem se tornado cada vez mais relevantes. Obras como essas podem ajudar numa melhor compreensão desses e outros assuntos que são considerados controversos para a sociedade.

Drácula, a história nunca contada: narrativa romantizada de Vlad Tepes?

A inspiração de Stoker no histórico de Vlad, apesar de crucial, serve apenas como uma base para que o autor desenvolva seu romance, não sendo explorado a fundo, mas comentada por Drácula quando Harker lhe pergunta sobre a história da Transilvânia e em outros momentos em que tanto o vampiro quanto a personagem Van Helsing sugerem sua ligação com *Vlad*, o Empalador. Nascido por volta de 1431, era o segundo filho de um oficial da região da Valáquia, chamado *Vlad Dracul*, que entrou para a Ordem do Dragão, que tinha dentre muitos objetivos, lutar contra o islamismo e a invasão turco-otomana no ocidente. O motivo de não haver aprofundamento nesse histórico é explicado por Melton (1995), que diz que a intenção de Stoker era chamar a atenção do leitor para a maneira que cada encontro das personagens com o comportamento de Drácula abalava a compreensão convencional delas.

Tendo sido escrita no final do século XIX, com a chegada do cinema essa personagem foi ganhando vida em outros gêneros e se adaptando às mudanças sociais. Para um exemplo desse tipo de mudança, podemos realizar uma análise entre a obra original de Stoker e uma das mais recentes adaptações cinematográficas *Drácula: a história nunca contada*.

Diferentemente da obra original, a perspectiva que se tem da personagem é heroica, e essa imagem é reforçada em diversas cenas no filme, inclusive na utilização da capa pelo personagem. Como visto em outras adaptações do vampiro, a capa serve quase como para se esconder, trazer um mistério ao personagem, assim como reforçar sua imagem aristocrática, ou em momentos assustadores: “[...] eu vi o homem sair lentamente da janela e rastejar parede abaixo sobre um enorme abismo, cabeça para baixo e sua capa aberta em volta como se fossem grandes asas [...]” (MELTON, 1995, p. 204). Aqui Melton (1995) cita um trecho do romance em que Harker vê o vampiro na parede do castelo; a capa aqui contribuindo para a atmosfera assustadora.



Já no filme mais recente, traz a capa como um símbolo do super-herói visto em quadrinhos e adaptações também recentes, como pode ser visto nas imagens abaixo:



Imagem 1: trecho do filme *Bram Stoker's Dracula* (1992), dirigido por Francis Ford Coppola, *Dracula* de Bram Stoker.

Imagem 2: capa do filme *Dracula: a história nunca contada* (2014), dirigido por Gary Shore. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/5xiryG2Hnpa7qSwc8>



Imagem 3: cena do filme em que *Vlad* escala a montanha onde mora um vampiro. Sua capa se assemelha a capas de super-heróis. Disponível em: <https://www.netflix.com>

Elementos como a capa, as presas, vestimenta e até mesmo o caixão, foram algumas das diversas características acrescentadas ao vampiro com o passar dos anos. Como pode ser percebido nas imagens, até mesmo esses elementos são ressignificados com o tempo. Essa adaptação de 2014 conta a história de Vlad, príncipe da Transilvânia, que se vê cercado pelas ameaças do



Império Otomano após uma trégua de dez anos entre os reinos. O príncipe nega-se em ceder às exigências do rei turco em entregar seu único filho a ele e dá início a uma nova guerra, para qual ele se prepara indo em busca de reforços sobrenaturais ao subir em uma montanha habitada por um vampiro com quem ele faz um trato para obter poderes e derrotar o exército inimigo.

Nesse sentido, tais elementos citados condizem com a proposta do filme, que dá essa impressão de uma inversão de papéis, já que diferente de Stoker, que usou do histórico de *Tepes*, aqui o roteiro do filme descreve a história do famoso empalador incorporando elementos da obra, numa espécie de romantização da narrativa de *Vlad*, já pelo resto da trama, depois de derrotar seus inimigos ele se encontra lutando contra sua própria sede de sangue, pois não quer se tornar a criatura que lhe cedeu tais poderes e deixar de ser o herói da história para ser o monstro.

É neste ponto que obra literária e fílmica se distanciam, sendo o cinema responsável por se reinventar e usar os mesmos personagens para contar uma história diferente. Esse tipo de mudança traz de volta histórias e personagens sob novas perspectivas, que os mantém vivos através dos anos, mesmo com as mudanças sociais que impactam a cultura pop.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se apresentou como uma discussão crítica acerca da representação do vampiro na literatura gótica em contrapartida com as adaptações fílmicas, sendo parte da monografia de conclusão de curso, defendida no curso de Letras, do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). Foi demonstrado como na cena Vitoriana as primeiras obras literárias estão inseridas, revelando uma Inglaterra sob influência de um movimento romântico e gótico, em que surgiram as mais diversas obras sobre temas monstruosos.

Para alcançarmos tais compreensões, foram analisadas as representações do vampiro na literatura e como se constitui de maneira preponderante para compreender o ser humano e suas relações. Afinal as criações literárias são reveladoras das crenças de uma sociedade e de seus costumes. Além disso, essas criações ajudam a atravessar os comportamentos e psique, ações, reações e concepções do monstruoso, agindo enquanto aquele que desvenda as questões culturais que servirão como base para uma compreensão mais exponencial do literário e de sua interação com as demais artes.



Em síntese, foram tratados aqui alguns aspectos que permeiam o vampiro numa contínua popularização desta criatura, tanto pela literatura quanto pelo cinema, podendo ser separada por fases, tendo em cada fase um personagem, obra ou autor que a represente.

Ademais, esta é uma criatura que provavelmente surgiu em muitas culturas de forma independente, se mantendo através da tradição oral por muitos anos até que se consolidasse nas artes, portanto, continuará ainda por muito tempo por meio delas. Na literatura temos como exemplo a *Saga Crepúsculo* (2005), que trouxe novos aspectos e renovou outros já estabelecidos, além das adaptações cinematográficas que apresentaram a uma nova geração o gênero. Essas e outras adaptações posteriores apostam em temas heroicos e apocalípticos, que condizem com o momento histórico-social atual.

A presente conclusão se constitui de reflexões e apontamos as nuances que fazem do vampiro o que ele é, investigando aspectos da sua origem que ainda estão presentes na cultura pop, apesar de todas as mudanças pelas quais passamos e, talvez com tempo e recursos maiores, poderíamos explorar melhor certas questões aqui apresentadas, como o monstruoso e a sociedade e a homossexualidade na obra de Rice. Os resultados desta pesquisa compreendem o processo formativo leitor, sua recepção de narrativas audiovisuais, além de analisar as formulações relacionadas à experiência com o literário e sua aproximação com o cinema, pois a discussão acerca da literatura vampiresca ocasiona reflexões não apenas sobre sua importância literária, mas também cultural e social, uma vez que ajuda na compreensão da psique humana através da monstruosidade.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Arturo. **As origens de Drácula: o homem, o vampiro, o mito**. São Paulo: Madras, 2012.

COSTA, Bruno, (Org.). **Contos clássicos de vampiro.**/ Introdução de Alexander Meireles da Silva, tradução de Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2012.

EDGAR, Andrew. SEDGWICK, Peter. **Teoria Cultural de A a Z**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FERRAZ, Salma. **Vampiros: o mito que é o nada que é tudo e de todos**. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/3743>> Acesso em: 13 de nov. de 2020.



GUÐMUNDSDÓTTIR, Berglind. **The Vampire's Evolution in Literature, the influence Bram Stoker's Dracula has had on the works of writers of modern young adult vampire fiction.** Disponível em: <[https://www.semanticscholar.org/paper/The-Vampire%27s-Evolution-in-Literature.-The-Bram-Has Gu](https://www.semanticscholar.org/paper/The-Vampire%27s-Evolution-in-Literature.-The-Bram-Has-Gu)> Acesso em: 13 de nov. de 2020.

HUMPHREYS, Juliana Porto Chacron. **O vampiro na literatura: um estudo sobre a constituição da performace da personagem através da permutabilidade do tema.** Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1600>> Acesso em: 13 de nov. de 2020.

LAGARTO, Paula Cristina Damásio. **Os vampiros do novo milênio: evoluções e representações na literatura e outras artes.** Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17224>> Acesso em: 13 de nov. de 2020.

LECOUTEUX, Claude; tradução de Álvaro Lorencini. **História dos vampiros: autópsia de um mito.** São Paulo: UNESP, 2005.

MATTELART, Andrew; NEVEU, Érik; tradução de Marcos Macionilo. **Introdução aos estudos culturais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELTON, J. Gordon. **O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos.** / tradução de James F. Sunderland Cook. São Paulo: Makron Books, 1995.

RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro.** / tradução de Clarice Lispector. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SHORE, Gary. **Drácula: a história nunca contada,** 2014. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse>> Acesso em: 18 de jun. de 2020.

STOKER, Bram. **Drácula.** / tradução de Adriana Lisboa .Volume 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2007.